




Camille Gabriele Barbosa BOCALAN*

 <https://orcid.org/0009-0006-7172-194X>


Maitany Retuci Castro DAL'RI**

 <https://orcid.org/0009-0007-3372-547X>

Farid Jamil Silva de ARRUDA***

 <https://orcid.org/0000-0001-9253-9254>

Rogério Rodrigo RAMOS****

 <https://orcid.org/0000-0003-1977-4172>

Recebido em: 18 de março de 2025.

Aprovado em: 30 de setembro de 2025.

PRÁTICA DE AUTOMEDICAÇÃO ENTRE ACADÊMICOS DE ODONTOLOGIA DO CENTRO UNIVERSITÁRIO DE SANTA FÉ DO SUL*

RESUMO

A automedicação, definida como o uso de medicamentos sem prescrição médica, é uma prática associada a riscos como resistência microbiana, doenças iatrogênicas e agravamento de sintomas. O objetivo do estudo foi investigar a prática de automedicação entre acadêmicos de odontologia do Centro Universitário de Santa Fé do Sul - Unifunec. Este estudo transversal e descritivo investigou a prevalência e os fatores associados à automedicação entre 237 acadêmicos de Odontologia do Unifunec, utilizando um questionário validado de 31 itens, aplicado via Google Forms. A análise estatística incluiu testes qui-quadrado ($p < 0,05$). Os resultados revelaram uma prevalência alarmante de automedicação (90,72%), predominante em mulheres (69,62%) e estudantes de 21-23 anos. Analgésicos (18,57%) e anti-inflamatórios (10,97%) foram as classes mais utilizadas, principalmente, para cefaleia (34,18%) e infecções respiratórias (13,50%). Apesar de 86,92% reconhecerem os riscos, 89,87% adquiriram medicamentos sem prescrição, justificando a prática por acesso facilitado e autoconfiança no conhecimento acadêmico. Correlações significativas ($p < 0,001$) indicaram normalização da automedicação para controle imediato de sintomas. Conclui-se que a contradição entre o conhecimento teórico e a prática expõe lacunas na formação ético-profissional. Propõem-se intervenções curriculares em farmacovigilância, campanhas institucionais em parceria com a Anvisa e ampliação de suporte psicológico para mitigar riscos individuais e coletivos. O estudo reforça a necessidade de alinhar a formação acadêmica às diretrizes de segurança farmacêutica.

Palavras-chave: Odontologia, Estudantes de odontologia, Automedicação, Riscos à saúde.

SELF-MEDICATION PRACTICES AMONG DENTISTRY STUDENTS AT SANTA FÉ DO SUL UNIVERSITY CENTER

ABSTRACT

Self-medication, defined as the use of medications without medical prescription, is a practice associated with risks such as antimicrobial resistance, iatrogenic conditions, and symptom aggravation. The aim of this study was to investigate self-medication practices among dentistry students at Santa Fé do Sul University Center (Unifunec). This cross-sectional and descriptive study examined the prevalence and associated factors of self-medication among 237 dentistry students using a validated 31-item questionnaire applied through Google Forms. Statistical analysis was performed using chi-square tests ($p < 0.05$). The results revealed an alarming prevalence of self-medication (90.72%), predominantly among women (69.62%) and students aged 21–23 years. Analgesics (18.57%) and anti-inflammatory drugs, particularly NSAIDs (10.97%), were the most frequently used classes, mainly for headache (34.18%) and respiratory tract infections (13.50%). Although 86.92% of participants acknowledged the risks, 89.87% obtained medications without prescription, justifying the practice due to easy access and self-confidence in their academic knowledge. Significant correlations ($p < 0.001$) highlighted the normalization of self-medication as an immediate response to symptom control. The contradiction between theoretical knowledge and practice exposes gaps in ethical and professional training. Curricular interventions in pharmacovigilance, institutional campaigns in partnership with Anvisa, and expanded psychological support are proposed to mitigate both individual and collective risks. This study reinforces the need to align academic training with pharmaceutical safety guidelines.

Keywords: dentistry; dentistry students; self-medication; antimicrobial resistance; health risks.

* Graduanda em Odontologia pelo Centro Universitário de Santa Fé do Sul, SP/BR – Unifunec. E-mail: camillegabrielebocalan@gmail.com

** Graduanda em Odontologia pelo Centro Universitário de Santa Fé do Sul, SP/BR – Unifunec. E-mail: maitanyretuci@gmail.com

*** Mestre, Docente do Centro Universitário de Santa Fé do Sul, SP/BR – Unifunec. E-mail: arruda-odonto@hotmail.com

**** Doutor, Docente do Centro Universitário de Santa Fé do Sul, SP/BR – Unifunec. E-mail: rogerio.enfer@gmail.com

* Programa Pesquisador Docente – PPD/Unifunec e Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica do Centro Universitário de Santa Fé do Sul/SP - Pibic/Unifunec



1 INTRODUÇÃO

A automedicação é definida como o uso de medicamentos sem prescrição. Essa prática inclui desde indicações de familiares, amigos, balconistas de farmácia ou até mesmo a autodecisão baseada em informações não científicas (Arruda *et al.*, 2011). A Agência Nacional de Vigilância Sanitária - Anvisa amplia essa concepção, classificando como automedicação qualquer consumo de medicamento sem orientação médica, independentemente de sua origem (Luz *et al.*, 2014).

Esse comportamento, embora comum, envolve riscos significativos à saúde. O uso inadequado de fármacos, seja por dosagem incorreta, tempo prolongado de administração, escolha equivocada do princípio ativo ou interações medicamentosas, pode desencadear complicações graves, como mascaramento de patologias em evolução, resistência microbiana, dependência química, reações alérgicas e agravamento de sintomas iniciais (Silva *et al.*, 2012; Gama; Secoli, 2017). Além disso, a automedicação frequente está associada a doenças iatrogênicas, que surgem como consequência direta de intervenções terapêuticas mal direcionadas.

Diversos fatores contribuem para a persistência dessa prática. A influência de propagandas persuasivas, o acesso desregulado a informações digitais e a crença popular de que "toda doença exige tratamento farmacológico" criam uma ilusão de segurança quanto ao autodiagnóstico (Bennadi, 2013). Somam-se a isso deficiências estruturais nos serviços públicos de saúde, como demora no atendimento, insatisfação com a qualidade do cuidado e dificuldade em realizar exames complementares, o que leva indivíduos a buscar soluções imediatistas (Silva *et al.*, 2012).

No contexto acadêmico, a automedicação é particularmente paradoxal. Espera-se que estudantes da área da saúde, como os de Odontologia, adotem práticas alinhadas ao conhecimento científico adquirido durante a graduação. No entanto, estudos internacionais e nacionais apontam que universitários dessa área frequentemente recorrem à automedicação, muitas vezes justificada por pressão acadêmica, acesso facilitado a fármacos ou familiaridade com substâncias usadas em sua formação (Schuelter-Trevisol *et al.*, 2011; Querino; Rocha, 2023). Esse cenário expõe uma lacuna entre o discurso teórico sobre uso racional de medicamentos e a prática cotidiana, reforçando a necessidade de intervenções educativas durante a graduação.

No Brasil, país com desafios persistentes na regulação e conscientização sobre medicamentos, pesquisas sobre o tema são escassas, especialmente em cursos de saúde. Diante disso, este estudo busca investigar a prática de automedicação entre acadêmicos de odontologia do Centro Universitário de Santa Fé do Sul - Unifunec.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo quantitativo, de natureza descritiva, realizado com o auxílio de um questionário contendo 31 questões. O estudo foi aprovado pela Comissão de Ética em Pesquisa em Seres Humanos - CEP do Centro Universitário de Santa Fé do Sul - Unifunec, sob o número CAAE: 69060023.6.0000.5428. Participaram da pesquisa 237 discentes do curso de Odontologia do Unifunec, Campus II de Santa Fé do Sul/SP.

Para a fundamentação teórica e a discussão dos resultados, buscaram-se informações nas bases de dados SciELO, LILACS, PubMed e BVS, utilizando as palavras-chave "odontologia, estudantes de odontologia, automedicação, riscos à saúde", combinadas pelo operador booleano AND.

Os critérios de inclusão adotados foram alunos maiores de 18 anos, matriculados do primeiro ao quinto ano do curso de Odontologia, que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE. Excluíram-se aqueles que se recusaram a participar ou estavam em uso de medicação prescrita por receita médica.

A amostra envolveu 237 discentes do primeiro ao quinto ano de graduação em Odontologia do Unifunec, distribuídos da seguinte forma: 37 alunos do 1º termo (primeiro ano), 50 do 3º termo (segundo ano), 56 do 5º termo (terceiro ano), 47 do 7º termo (quarto ano) e 47 do 9º termo (quinto ano).

Utilizou-se o questionário padronizado por Servidoni *et al.* (2006), Santos e Coutinho (2010) e Lopes *et al.* (2022), o qual foi adaptado pelo autor responsável. O instrumento foi aplicado por meio de um formulário gerado no Google Forms, explicando a importância do trabalho, bem como orientações quanto ao devido preenchimento e autorização pelo TCLE. O link do questionário foi compartilhado em grupos de WhatsApp do curso de Odontologia do UNIFUNEC e anexado ao sistema Moodle da instituição, contendo o TCLE e as 31 questões de múltipla escolha. O tempo estimado para o preenchimento do questionário variou entre 20 e 30 minutos.

Os dados foram analisados de acordo com as suas estatísticas percentuais. Como se tratam de dados categorizados, a relação univariada (associação) entre as variáveis do estudo foi realizada através do teste qui-quadrado. Todos os testes estatísticos foram aplicados com nível de significância de 5% ou ($P < 0,05$) utilizando o Minitab 17 (Minitab Inc.).

3 RESULTADOS

Os dados da Tabela 1 mostram os resultados das variáveis de caracterização dos estudantes avaliados no estudo.

Tabela 1 - Percentual das variáveis de caracterização amostral dos estudantes avaliados no estudo (N=237). Santa Fé do Sul, Região Noroeste Paulista, Brasil

VARIÁVEIS DE CARACTERIZAÇÃO		N	%
Faixa etária	18 a 20 anos	78	32,91
	21 a 23 anos	117	49,37
	24 a 26 anos	27	11,39
	27 a 30 anos	4	1,69
	Mais de 30 anos	11	4,64
Sexo	Feminino	165	69,62
	Masculino	72	30,38
Formação anterior	Não possui	211	89,03
	Área da saúde	26	10,97
Período do curso	1º semestre	37	15,61
	3º semestre	50	21,10
	5º semestre	56	23,63
	7º semestre	47	19,83
	9º semestre	47	19,83
Estado conjugal	Com companheiro	19	8,02
	Sem companheiro	218	91,98
O que faz quando sente algum tipo de dor no corpo	Espera passar	18	7,59
	Procura um médico	51	21,52
	Realiza automedicação	136	57,38
	Tratamentos alternativos	32	13,50
Convênio médico	Não	145	61,18
	Sim	92	38,82
Possui convênio odontológico	Não	204	86,08
	Sim	33	13,92

Fonte: Dos próprios autores, 2024.

De acordo com os dados da Tabela 1, é possível observar que do total de 237 estudantes entrevistados, a maioria apresentou faixa etária entre 21 e 23 anos (117; 49,37%), do sexo

feminino (165; 69,62%), não apresentando formação anterior (211; 89,03%). Deste total, a maioria está cursando o 5º semestre (56; 23,63%), não apresenta companheiro(a) (218; 91,98%), realiza automedicação quando sente alguma dor (136; 57,38%), não apresenta convênio médico (145; 61,18%) e não apresenta convênio odontológico (204; 86,08%).

A Tabela 2 mostra os percentuais dos estudantes em relação a algumas variáveis sobre a automedicação.

Tabela 2 - Percentual das variáveis sobre a automedicação (N=237). Santa Fé do Sul, Região Noroeste Paulista, Brasil

VARIÁVEIS SOBRE AUTOMEDICAÇÃO		N	%
Já comprou algum medicamento sem prescrição médica?	Não	24	10,13
	Sim, mas não havia necessidade da prescrição médica	171	72,15
	Sim, mesmo sendo necessária a prescrição médica	42	17,72
Já usou algum medicamento sem prescrição médica?	Não	22	9,28
	Sim, mas não havia necessidade da prescrição médica	173	73,00
	Sim, mesmo sendo necessária a prescrição médica	42	17,72
Já se baseou em prescrições médicas antigas?	Não	99	41,77
	Sim, de outra pessoa	32	13,50
	Sim, nas minhas	106	44,73
Quando se automedica, costuma tomar o medicamento por quantos dias?	1 a 2 dias	142	59,92
	3 a 4 dias	72	30,38
	5 dias ou mais	23	9,70
Por que você realizou automedicação?	Não houve necessidade de médico	167	70,46
	Influência de familiares e amigos	12	5,06
	Não gosta de ir ao médico	22	9,28
	Por não ter tempo de ir ao médico	19	8,02
	Tem dificuldade de ser atendido	17	7,17
Já recebeu conselhos, não solicitados, na farmácia?	Não	110	46,41
	Sim	127	53,59
Os medicamentos que costuma comprar são para qual uso?	Próprio	150	63,29
	Familiares ou amigos	22	9,28
	Ambos	65	27,43

Fonte: Dos próprios autores, 2024.

De acordo com os resultados da Tabela 2, foi possível observar que a maioria dos estudantes já comprou algum medicamento sem prescrição médica, entretanto o medicamento comprado não necessitava de prescrição médica (171; 72,15%). A maioria reportou que já usou medicamento sem prescrição médica, e esses medicamentos não necessitavam de prescrição médica (173; 73,00%). A maioria dos estudantes já se baseou em suas próprias prescrições

médicas antigas (106; 44,73%) e, quando se automedica, costuma tomar o medicamento por 1 a 2 dias (142; 59,92%).

A maioria dos estudantes respondentes justificou o uso da automedicação baseado no fato de que não achava que existia a necessidade de procurar um médico (167; 70,46%). A maioria reportou que já recebeu conselhos não solicitados em farmácia (127; 53,59%), sendo que os medicamentos que costuma comprar é para uso próprio (150; 63,29%).

De acordo com os dados da Tabela 2, a maioria dos estudantes procurou informações por si próprios (150; 63,29%), sendo a internet o meio mais frequente de consulta dessas informações (112; 47,26%). Quando a orientação foi própria, a fundamentação mais recorrente foi em ter usado o medicamento outras vezes e ter resolvido o problema (125; 52,74%). A maioria dos estudantes reportou que às vezes costuma ler a bula do medicamento antes de automedica-se (143; 60,34%) e a maioria acredita que a automedicação pode trazer riscos à saúde (206; 86,92%) e pode trazer dependência (167; 70,46%). A maioria dos respondentes já indicou medicamento a alguém (141; 59,49%) e costuma ter os remédios que mais usa disponíveis em suas casas (129; 54,43%).

Tabela 3 - Percentual das variáveis sobre a automedicação (N=237). Santa Fé do Sul, Região Noroeste Paulista, Brasil (continuação)

VARIÁVEIS SOBRE AUTOMEDICAÇÃO		N	%
Antes de automedica-se, procurou informações?	Sim, de amigos ou familiares	22	9,28
	Sim, eu mesmo procurei	150	63,29
	Ambos	65	27,43
Onde as procurou?	Internet	112	47,26
	Bula	52	21,94
	Farmacêutico	21	8,86
	Outros meios	52	21,94
Quando a orientação é própria, é fundamentada em:	Já ter resolvido o problema de alguém	39	16,46
	Ter conhecimento sobre o fármaco	73	30,80
	Ter usado outras vezes e ter resolvido o problema	125	52,74
Você costuma fazer leitura da bula antes de automedica-se?	Nunca	12	5,06
	Raramente	39	16,46
	Às vezes	143	60,34
	Sempre	43	18,14
Você acredita que a automedicação pode trazer riscos à saúde?	Não	31	13,08
	Sim	206	86,92
Você acredita que a automedicação pode trazer dependência?	Não	70	29,54
	Sim	167	70,46

Já indicou algum medicamento a alguém?	Não	96	40,51
	Sim	141	59,49
Você costuma ter os remédios que mais usa disponíveis em sua casa?	Não, quando tenho sintomas compro em farmácia	89	37,55
	Não, quando tenho sintomas procura um médico	19	8,02
	Sim	129	54,43
Quais remédios você mais utiliza para automedicação?	Analgésicos	44	18,57
	Anti-inflamatórios	26	10,97
	Contraceptivos orais	26	10,97
	Antialérgicos e anti-histamínicos	16	6,75
	Outros	125	52,74
Você acha que os medicamentos que você usa são sempre eficazes?	Não	19	8,02
	Sim	127	53,59
	Às vezes	91	38,40

Fonte: Dos Próprios autores, 2024.

Além disso, dentre os vários medicamentos observados, destacam-se analgésicos (44; 18,57%), anti-inflamatórios (26; 10,97%), contraceptivos orais (26; 10,97%) e antialérgicos e anti-histamínicos (16; 6,75%). Do total de estudantes avaliados, a maioria acredita que os medicamentos que usam são sempre eficazes (127; 53,59%).

A maioria dos estudantes reportou que, dentre os sintomas que levaram à automedicação, a dor de cabeça foi um dos mais frequentes (81; 34,18%), seguido de gripes e resfriados (32; 13,50%) e infecções e inflamações na garganta (24; 10,13%). Os estudantes reportaram que não apresentaram sintomas após proceder com a automedicação (150; 63,29%), sendo que alguns deles reportaram sonolência (26; 10,97%) e dor de cabeça (14; 5,91%).

A maioria dos estudantes de odontologia afirmou que a prática de automedicação para a dor de dente é comum (120; 50,63%), sendo que a maioria não comprou medicamentos para a dor de dente sem prescrição médica (132; 55,70%). Dentre os medicamentos comprados, destacou-se a dipirona (77; 32,49%), paracetamol (42; 17,72%) e ibuprofeno (16; 6,75%). Para a grande maioria dos estudantes, a automedicação resultou em melhora da dor de dente (127; 53,59%).

Tabela 4 - Percentual das variáveis sobre a automedicação (N=237). Santa Fé do Sul, Região Noroeste Paulista, Brasil (continuação)

VARIÁVEIS SOBRE AUTOMEDICAÇÃO		N	%
Quais os sintomas que já levaram à automedicação?	Dor de cabeça	81	34,18
	Gripes e resfriados	32	13,50
	Infecções ou inflamações da garganta	24	10,13
	Outros	100	42,19
	Nunca apresentei sintomas	150	63,29

Quais os sintomas você teve após a prática de automedicação?	Sonolência	26	10,97
	Dor de cabeça	14	5,91
	Outros	47	19,83
É comum a prática da automedicação para dor de dente?	Não	117	49,37
	Sim	120	50,63
Comprou medicamentos sem prescrição médica para dor de dente?	Não	132	55,70
	Sim	105	44,30
Quais medicamentos?	Dipirona	77	32,49
	Paracetamol	42	17,72
	Ibuprofeno	16	6,75
	Outros	102	43,04
Com a automedicação, houve melhora na dor de dente?	Melhorou a dor de dente	127	53,59
	Não resolveu a dor de dente	96	40,51
	Piorou a dor de dente	14	5,91

Fonte: Dos próprios autores, 2024.

A Tabela 5 mostra os valores P de associação das variáveis que analisaram a automedicação em relação às variáveis de caracterização amostral.

Tabela 5 - Associações estatísticas entre automedicação e variáveis amostrais (N=237). Santa Fé do Sul, Região Noroeste Paulista, Brasil

Variáveis	Faixa etária	Sexo	Período	Formação	Estado conjugal	O que faz com dor	Convênio médico	Convênio odontológico
Já comprou algum medicamento sem prescrição médica?	0,273	0,131	0,004	0,711	0,920	0,010	0,431	0,030
Já usou algum medicamento sem prescrição médica?	0,077	0,208	0,001	0,370	0,244	<0,001	0,628	0,484
Já se baseou em prescrições médicas antigas?	0,002	0,147	<0,001	0,138	0,589	0,001	0,255	0,799
Quando se automedica, costuma tomar o medicamento por quantos dias?	0,014	0,800	<0,001	0,006	0,166	0,042	0,192	0,774

Por que você realizou automedicação?	<0,001	0,269	0,001	0,325	0,025	0,219	0,049	0,049
Já recebeu conselhos, não solicitados, na farmácia?	0,564	0,035	0,003	0,978	0,127	0,970	0,649	0,381
Os medicamentos que costuma comprar são para qual uso?	0,067	0,345	<0,001	<0,001	<0,001	0,011	0,019	0,469
Antes de automedicar-se, procurou informações?	0,067	0,345	<0,001	<0,001	<0,001	0,011	0,019	0,469
Onde as procurou?	0,402	0,215	0,009	0,952	0,457	<0,001	0,385	0,244
Quando a orientação é própria, é fundamentada em:	0,037	0,030	<0,001	0,043	0,181	0,162	0,887	0,522
Você costuma fazer leitura da bula antes de automedicar-se?	0,052	0,002	0,003	0,182	0,099	0,087	0,009	0,308
Você acredita que a automedicação pode trazer riscos à saúde?	0,021	0,288	<0,001	<0,001	0,006	<0,001	0,246	0,057
Você acredita que a automedicação pode trazer dependência?	<0,001	0,400	<0,001	<0,001	0,475	0,002	0,265	0,465
Já indicou algum medicamento a alguém?	0,009	0,532	<0,001	0,047	0,015	0,217	0,374	0,088
Você costuma ter os remédios que mais usa	<0,001	0,116	<0,001	0,010	0,275	<0,001	0,046	0,338

disponíveis em sua casa?								
Quais remédios você mais utiliza para automedicação?	0,150	<0,001	<0,001	0,624	0,092	0,418	0,305	0,327
Você acha que os medicamentos que você usa são sempre eficazes?	0,115	0,284	<0,001	0,668	0,077	0,016	0,035	0,002
Quais os sintomas que já levaram à automedicação?	0,001	0,901	0,002	0,071	0,670	0,050	0,707	0,419
Quais os sintomas você teve após a prática de automedicação?	0,300	0,007	0,028	0,087	0,468	0,379	0,058	0,050
É comum a prática da automedicação para dor de dente?	0,292	0,878	<0,001	0,445	0,856	0,009	0,705	0,045
Comprou medicamentos sem prescrição médica para dor de dente?	0,003	0,551	<0,001	0,061	0,085	0,019	0,949	0,886
Quais medicamentos?	<0,001	0,206	<0,001	0,145	0,083	0,008	0,380	0,004
Com a automedicação, houve melhora na dor de dente?	0,392	0,880	<0,001	0,228	0,155	0,004	0,077	0,123

Nota da Tabela 5: Valores P em destaque são significativos a $P < 0,05$ pelo teste qui-quadrado.

Fonte: Dos Próprios autores, 2024.

Diante dos resultados da Tabela 5, houve inúmeras associações significativas das variáveis de caracterização amostral e das variáveis relacionadas à automedicação.

4 DISCUSSÃO

4.1 Prevalência e Perfil Sociodemográfico

Os resultados deste estudo revelam uma prevalência alarmante de automedicação (90,72%) entre estudantes de Odontologia do Unifunec, corroborando tendências observadas globalmente em cursos da saúde (Schuelter-Trevisol *et al.*, 2011; Lima *et al.*, 2022). A predominância no sexo feminino (69,62%) e na faixa etária de 21–23 anos sugere que fatores socioculturais, como maior engajamento feminino no autocuidado e pressão acadêmica característica de períodos intermediários da graduação (5º-7º semestres), atuam como catalisadores dessa prática. Esse cenário é particularmente preocupante, pois futuros profissionais, teoricamente capacitados a orientar sobre riscos farmacológicos, reproduzem comportamentos que contradizem o conhecimento científico adquirido.

4.2 Fatores Determinantes e Normalização da Prática

A tríade acesso facilitado a medicamentos (89,87% adquiriram fármacos sem prescrição), superconfiança no conhecimento acadêmico (70,46% justificaram a prática por julgarem desnecessária a consulta médica) e busca por alívio imediato de sintomas (especialmente cefaleia - 34,18%) emerge como eixo central da automedicação. Apesar de 86,92% reconhecerem os riscos, a correlação significativa ($p < 0,001$) entre automedicação e controle sintomático (Tabela 3) evidencia a banalização dessa prática, expondo lacunas na transposição do conhecimento teórico para o comportamento ético-profissional (Araújo Júnior *et al.*, 2021).

4.3 Classes Farmacológicas e Riscos Específicos

A preferência por analgésicos (18,57%) e anti-inflamatórios não esteroidais (AINES) (10,97%) para condições autolimitadas (gripes, cefaleias) reflete padrão similar a outros estudos (Lopes *et al.*, 2022). Além disso, a influência de atendentes de farmácias na promoção da automedicação, muitas vezes sem orientação adequada sobre riscos (Conrad *et al.*, 2023), reforça a necessidade de regulamentação mais rigorosa para fármacos de alto risco. Contudo, o uso indiscriminado de AINES como diclofenaco demanda alerta máximo, como sua hepatotoxicidade por metabólitos reativos (Lagos Quezada *et al.*, 2018) e associação com lesão hepática crônica (Pedroso; Batista, 2017) representam riscos individuais graves.

Adicionalmente, o uso eventual de corticosteroides, mesmo em baixa frequência, acarreta perigos como desequilíbrios eletrolíticos e necrose avascular (Glueck *et al.*, 1997; Glueck; Freiberg; Wang, 2008), e exige estratégias para atenuação de efeitos adversos sistêmicos (Freitas; Souza, 2007), sublinhando a urgência de regulamentação mais rigorosa para fármacos de alto risco. Importante destacar a necessidade de regulamentação mais rigorosa para medicamentos de alto risco, mesmo em países onde o acesso a fármacos é menos controlado (Brasil, 2010; Coelho; Lopes Junior, 2015).

4.4 Implicações Sistêmicas e Paradoxo Formativo

A automedicação não se limita a riscos individuais, pois seu potencial para mascarar patologias, induzir resistência microbiana e aumentar a carga de doenças iatrogênicas (GAMA; Secoli, 2017) impacta diretamente a saúde pública. No contexto acadêmico, esse comportamento expõe uma contradição estrutural ao revelar que estudantes que dominam teorias sobre farmacovigilância na sala de aula normalizam práticas que violam esses princípios. Esse divórcio entre conhecimento e ação compromete a formação de profissionais críticos capazes de liderar pelo exemplo na orientação populacional.

4.5 Estratégias de Mitigação Propostas

A replicação de padrões de automedicação em diferentes cursos da área da saúde (Ribeiro *et al.*, 2023) sugere que intervenções isoladas são insuficientes. Para romper esse ciclo, propõem-se intervenções multiníveis: integração curricular obrigatória de farmacovigilância com casos clínicos reais, focando em hepatotoxicidade de AINES e riscos de corticosteroides; campanhas institucionais colaborativas com a Anvisa para alertar sobre fármacos de venda livre com alto perfil de riscos; ampliação do suporte psicológico universitário visando reduzir a automedicação por estresse acadêmico; inclusão de módulos éticos que confrontem a contradição entre o discurso profissional e a prática pessoal.

4.6 Paradoxo Formativo e Transformação Necessária

A automedicação entre estudantes de odontologia revela uma contradição estrutural entre conhecimento teórico e prática cotidiana. Romper esse ciclo exige transformar a formação acadêmica em agente de mudança comportamental, mediante ações multidisciplinares: integração curricular em farmacovigilância, campanhas com a Anvisa, suporte psicológico

institucional e módulos éticos que confrontem essa dissonância. Somente assim será possível reduzir riscos individuais e coletivos, alinhando a prática profissional às diretrizes de segurança farmacêutica.

5 CONCLUSÃO

O estudo evidenciou elevada prevalência de automedicação entre acadêmicos de Odontologia do Unifunec, predominantemente associada ao uso de analgésicos e anti-inflamatórios, para sintomas como cefaleia e infecções respiratórias. Apesar dos participantes reconhecerem os riscos à saúde, a prática persiste, reforçada por confiança excessiva no conhecimento teórico, acesso facilitado a medicamentos e normalização do uso para controle imediato de sintomas.

Essa contradição entre o discurso científico e o comportamento prático expõe lacunas na formação ético-profissional, com potencial impacto negativo tanto na saúde individual pela hepatotoxicidade por AINES; quanto na saúde pública, por resistência microbiana. Para mitigar esses riscos, sugerem-se estratégias para fortalecer o desuso do ciclo vicioso da automedicação, assim, ações educativas para proteger os estudantes de possíveis danos decorrentes da prática do autoconsumo de medicamentos e da prática de recomendar o uso de medicamentos a outros estudantes.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO JÚNIOR, A. G. de. *et al.* Prevalência da automedicação em acadêmicos de odontologia e enfermagem em uma instituição pública brasileira. **Arquivos em Odontologia**, v. 57, p. 26-35, 2021. Disponível em: <http://doi.org/10.7308/aodontol/2021.57.e04>.

ARRUDA, E. L. *et al.* Automedicação: verificação em estudantes universitários da Universidade Federal do Tocantins - UFT Araguaína. **Ensaio e Ciência: Ciências Agrárias, Biológicas e da Saúde**. v. 15, n. 6, p. 21-31, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.17921/1415-6938.2011v15n6p%25p>.

BENNADI, D. Self-medication: A current challenge. **Journal of basic and clinical pharmacy**, v. 5, n. 1, p. 19-23, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.4103/0976-0105.128253>.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica e Insumos Estratégicos. **Formulário terapêutico nacional 2010: Rename 2010**/Ministério da Saúde, Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, Departamento de Assistência Farmacêutica e Insumos Estratégicos. 2

ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2010. 1135p. Disponível em:
https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/formulario_terapeutico_nacional_2010.pdf.

COELHO, K. M.; LOPES JUNIOR, H. Fitoterapia racional: riscos da automedicação e terapia alternativa. **Revista Saberes**. v. 3, p. 35-44, 2015. Disponível em:
<https://facsapaulo.edu.br/wp-content/uploads/sites/16/2018/05/ed3especial/4.pdf>.

CONRAD, G. S. *et al.* Percepção de atendentes de farmácias sobre os riscos da automedicação. **Revista Contexto & Saúde**. v. 23, n. 47, p. e13431, 2023. Disponível em:
<https://doi.org/10.21527/2176-7114.2023.47.13431>.

FREITAS, T. H. P. de; SOUZA, D. A. F. de. Corticosteroides sistêmicos na prática dermatológica. Parte II: estratégias para minimizar os efeitos adversos. **Anais Brasileiros de Dermatologia**. v. 82, n. 2, p. 177-182, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0365-05962007000200010>.

GAMA, A. S. M.; SECOLI, S. R. Self-medication among nursing students in the state of Amazonas-Brazil. **Revista Gaúcha de Enfermagem**. v. 38, n. 1, p. e65111, 2017.
<https://doi.org/10.1590/1983-1447.2017.01.65111>.

GLUECK, C. J. *et al.* Thrombophilia and hipofibrinolysis: pathophysiologies of osteonecrosis. **Clinical orthopaedics and related research**, v. 334, p. 43-56, 1997.
Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/9005895/>.

GLUECK, C. J.; FREIBERG, R. A.; WANG, P. Heritable thrombophilia-hypofibrinolysis and osteonecrosis of the femoral head. **Clinical orthopaedics and related research**, v. 466, n. 5, p. 1034-1040, 2008. Disponível em: <http://doi.org/10.1007/s11999-008-0148-0>.

LAGOS QUEZADA, D. V. *et al.* Reacciones Sistémicas Causadas Por La Toxicidad Del Diclofenaco/Systemic reactions caused by the toxicity of Diclofenac. **Revista Científica de la Escuela Universitaria de las Ciencias de la Salud**, v. 5, n. 1, p. 41-49, 2018. Disponível em:
<https://www.bvs.hn/RCEUCS/pdf/RCEUCS5-1-2018-8.pdf>.

LIMA, P. A. V. *et al.* Automedicação entre estudantes de graduação do interior do Amazonas. **Acta Paulista De Enfermagem**. v. 35, p. eAPE039000134, 2022. Disponível em:
<https://doi.org/10.37689/acta-ape/2022AO000134>.

LOPES, A.P. *et al.* Tendência da prática de automedicação entre universitários do curso de odontologia na Universidade Brasil. **Archives of Health Investigation**. v. 11, n. 2, p. 325-331, 2022. Disponível em: <http://doi.org/10.21270/archi.v11i2.5264>.

LUZ, F. A. C. *et al.* Perfil comparativo da automedicação entre estudantes da universidade federal de Uberlândia. **Horizonte Científico**. v. 8, n. 1, p. 1-9, 2014. Disponível em:
<https://seer.ufu.br/index.php/horizontecientifico/article/view/22529>.

QUERINO, J. J.; ROCHA, C. E. Perfil da automedicação entre universitários dos cursos da saúde no nordeste brasileiro. **Revista Contexto & Saúde**. v. 23, n. 47, p. e13151, 2023.
Disponível em: <https://doi.org/10.21527/2176-7114.2023.47.13151>.

PEDROSO, C. R.; BATISTA, F. L. O uso indiscriminado dos anti-inflamatórios não esteroidais. **Saúde & Ciência Em Ação – Revista Acadêmica do Instituto de Ciências da Saúde**, v. 3, n. 1, p. 48-69, 2017. Disponível em:
<https://revistas.unifan.edu.br/index.php/RevistaICS/article/download/332/250>.

RIBEIRO, G. H. R. *et al.* Prevalência do autoconsumo de medicamentos em alunos de enfermagem em universidade do noroeste paulista. **Unifunec Científica Multidisciplinar**. v. 12, n. 14, p. 1-15, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.24980/ucm.v12i14.5992>.

SANTOS, D. P.; COUTINHO, G. C. **Avaliação da prática da automedicação em acadêmicos da Associação Educacional de Vitória**. Vitória. 2010. 43 f. TCC (Trabalho de Conclusão de Curso em Enfermagem) - Associação Educacional de Vitória, Unidade de Conhecimento em Ciências Médicas e Saúde, Vitória, Espírito Santo. Disponível em:
<https://www.yumpu.com/pt/document/read/12813339/avaliacao-da-pratica-da-automedicacao-em->.

SCHUELTER-TREVISOL, F. *et al.* Automedicação em universitários. **Revista da Sociedade Brasileira de Clínica Médica**, v. 9, n. 6, p. 414-417, 2011. Disponível em:
<<http://files.bvs.br/upload/S/1679-1010/2011/v9n6/a2556.pdf>>.

SERVIDONI, A. B. *et al.* Perfil da automedicação nos pacientes otorrinolaringológicos. **Revista Brasileira de Otorrinolaringologia**. v. 72, n. 1, p. 83-88, 2006.
<https://doi.org/10.1590/S0034-72992006000100013>

SILVA, L. S. F. *et al.* Automedicação em acadêmicos do curso de odontologia. **Odontologia (Ribeirão Preto)**. v. 45, n. 1, p. 5-11, 2012. Disponível em:
<http://revodonto.bvsalud.org/pdf/occ/v10n1/a11v10n1.pdf>.